

## Relações com e na natureza nos Terreiros de Candomblé Obá Ogunté e Nosso Senhor do Bonfim, PE: espaços educativos de ser e estar no mundo

*Relations with and in nature at the Candomblé Terreiros Obá Ogunté and Nosso Senhor do Bonfim, PE: educational spaces of being and being in the world*

*Relaciones con y en la naturaleza en el Candomblé Terreiros Obá Ogunté y Nosso Senhor do Bonfim, PE: espacios educativos de ser y estar en el mundo*

Francisco José Pegado Abílio  
Universidade Federal da Paraíba  
chicopegado@yahoo.com  
<https://orcid.org/0000-0002-7217-4849>

Maria Conceição Silva  
Rede Municipal de Educação de Olinda  
ceicaxe@hotmail.com  
<https://orcid.org/0000-0002-2395-7505>

Dayane Santos Silva  
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"  
dayanedossilva@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0002-1073-5495>

### RESUMO

Este estudo teve como objetivo central analisar as compreensões e usos que adeptos do Candomblé constroem a partir de suas práticas com a natureza, nos terreiros de Candomblé Obá Ogunté na cidade de Recife e o terreiro Nosso Senhor do Bonfim em Olinda/PE. Realizou-se uma pesquisa de natureza qualitativa, utilizando-se de procedimentos da etnometodologia. Na construção dos dados foi realizada observação participante nos terreiros investigados, bem como oficinas pedagógicas com produção de desenhos com vinte duas crianças, e observou-se algumas iniciativas relacionadas às práticas nos cultos aos Orixás e etnoconservação presentes nesses terreiros. Ao analisá-los, observou-se que tanto as representações das crianças, quanto as práticas

desenvolvidas nos terreiros são importantes formas de evidenciar a influência de determinados saberes tradicionais na construção das cosmovisões e sua relação na natureza. Os terreiros, enquanto espaços educativos, têm como um dos seus principais aspectos o reconhecimento da interdependência na/com a natureza.

**Palavras-chave:** Etnoconservação. Relação humano natureza. Terreiros de Candomblé.

## ABSTRACT

*This study aimed to analyze the understandings and uses that Camdomblé adepts build from their practices with the nature, at Candomblé Obá Ogunté terreiros, in Recife, and Nossa Senhora do Bonfim, in Olinda / PE. We carried out a qualitative research using ethnomethodological procedures. In the construction of the data we carried out participant observation in the investigation of terreiros, as well as pedagogical workshops with production of drawings of twenty two children, and some initiatives related to the practices in the Orixás cults and ethnoconservation present in these terreiros were observed. In analyzing them, it was observed that both children's representations and the practices developed in the terreiros are important ways to highlight the influence of certain traditional knowledge on the construction of worldviews and their relationship in nature. Thus, terreiros, as an educational space, has as one of its main aspects the recognition of interdependence in / with nature.*

**Keywords:** Candomble Terreiro. Ethnoconservation. Human nature relations.

## RESUMEN

Este estudio tuvo como objetivo analizar los entendimientos y usos que los adeptos del Camdomblé construyen a partir de sus prácticas con la naturaleza, en Candomblé Obá Ogunté terreiros en Recife y Nossa Senhora do Bonfim en Olinda / PE. La investigación fue de base cualitativa, utilizando procedimientos de la etnometodología. En la construcción de los datos se realizó observación participante en los terreiros investigados, así como talleres pedagógicos con producción de dibujos con veinte dos niños, y se observaron algunas iniciativas relacionadas con las prácticas en los cultos de Orixás y la etnoconservación presentes en estos terreiros. Mediante el análisis de ellos se observó que tanto las representaciones de los niños, como las prácticas desarrolladas en terreiros son importantes formas de mostrar la influencia de ciertos conocimientos tradicionales en la construcción de visiones del mundo y su relación en la naturaleza. Los terreiros, como espacio educativo, tiene como uno de sus principales aspectos el reconocimiento de la interdependencia en / con la naturaleza.

**Palabras clave:** Etnoconservación. Relaciones humanos y naturaleza. Terreiros de Candomble.

## Introdução

Neste texto, buscaremos discutir a construção dos diálogos entre sociedade e natureza a partir de algumas vivências nos terreiros de Candomblé Obá Ogunté na cidade

de Recife e no terreiro Nosso Senhor do Bonfim em Olinda, ambos no estado de Pernambuco.

Parte-se aqui do entendimento que o processo de constituição de uma visão de mundo na sociedade envolve a construção, distribuição e consumo de determinados conhecimentos, cultura, valores etc., considerados adequados ao contexto social e econômico existente, os quais privilegiam, por diversas vezes, formas hegemônicas enquanto formas legítimas do saber na formação dos indivíduos. Esse processo de seleção, em que algumas perspectivas de mundo permanecem em detrimento a outras, influencia também nas formas como é estabelecida a relação da sociedade na natureza. Essa relação pode ser compreendida a partir do “modo como a natureza se faz presente para o homem; ou melhor: no modo como o homem torna a natureza presente” (BORNHEIM, 1985, p. 18).

Assim, ao menos no Ocidente, dentre as formas pelas quais as sociedades tomaram e interpelaram “a natureza presente”, está a sobreposição de estratégias de uso e dominação, elementos que constituem a instrumentalização da relação humana na natureza e entre si.

A constituição de relações que se oponham a essa forma de instrumentalização precisa ser entendida enquanto construção histórica e social ao longo do tempo perpassada por contradições atreladas às relações de poder. Nesse sentido, faz-se necessário não deixar silenciar a dimensão política presente na relação sociedade-natureza, pois como afirma Bornheim (1985, p. 24), “a natureza tornou-se agora, antes de tudo; um tema visceralmente e necessariamente político”.

Ao considerar-se a ação social e histórica necessária para compreensão de determinada cultura de um povo, aproximamo-nos das relações estabelecidas pelas comunidades afro-brasileiras com a natureza, que, ao atravessarem o Atlântico, trouxeram além de comunidades de nativos destinados ao trabalho de mineração, dos canaviais, das plantações de fumo, também a sua personalidade, a sua maneira de ser, as suas crenças.

De maneira que as crenças das comunidades afro-brasileiras estão diretamente ligadas à natureza e representam o meio de confraternização dos orixás com os humanos. Assim a natureza é compreendida como um espaço de encontro com o divino, em que o “[...]funcionamento e interpretação de crenças e valores nessas tradições se dão na relação da humanidade com a sua ancestralidade, seus mitos e dogmas, ligação essa que ocorre por meio do constante manejo dos elementos naturais” (MARTINS, 2015, p. 24).

Nessa relação, os Orixás estão representados nos mais diversos elementos, e, de acordo com Moura (2006), são associados à natureza fenômenos meteorológicos, determinada cor, dia da semana, remetendo a tradições que buscam a conservação da natureza devido à ligação direta das divindades com os elementos naturais, que, ao se tornarem escassos no ambiente, afastam o humano do divino. Assim, todos os “Orixás estão ligados a um elemento natural e se expressam através dele, nessa cosmovisão a filosofia de vida é da preservação e do cuidado, em que todos os elementos do meio ambiente convivem sem hierarquia de poder” (BOTELHO, 2011, p. 11).

## Cultura e religião nos Terreiros de Candomblé de Recife e Olinda, Pernambuco

Na segunda metade do Século XIX, chega a Recife, vinda de Oyó, a negra Ifatinuke, responsável pela Fundação, em 1875, do primeiro terreiro de Xangô em Pernambuco, o Terreiro Yemanjá Ogunté, hoje mais conhecido como “Sítio de Pai Adão” (AMARAL, 2005), localizado na estrada velha, no bairro de Água Fria, Recife-PE. Esse Terreiro é um dos marcos da resistência negra no estado de Pernambuco, contribuindo para continuidade das atividades relacionadas à cultura da Nação Nagô.

O Terreiro consagrado a Yemanjá foi tombado pelo governo do estado, em 1986, como patrimônio histórico e cultural (FUNDARPE, 1994), sendo referência nacional em estudos e pesquisas da religião afro-brasileira, contando com mais de 1.000 adeptos, entre Babalorixás, Yalorixás e Filhos de Santo.

Hoje, além de conservar as tradições religiosas, o Sítio desenvolve um trabalho com jovens e crianças no Centro Cultural Afro Pai Adão, a partir de iniciativas como o do “Afoxé Povo de Ogunté” e do “Maracatu Raízes de Pai Adão”, com a missão de preservar, resgatar e demonstrar a sua resistência atualmente. No caso do terreiro Yemanjá Ogunté, o pai do terreiro que lhe deu notoriedade foi Felipe Sabino da Costa, também conhecido como Pai Adão, sacerdote que ao longo da sua vida exerceu funções de juiz, conselheiro e médico (SILVA, 2006).

Contando com mais de 70 filiais no país e uma em Portugal, o Terreiro Yemanjá Ogunté é um dos mais respeitados do Brasil. Personalidades como Seu Valfrido, Ogan de 89 anos, Dona Djanira, Yalorixa de 88 anos, e Tia Mãezinha – Yalorixa, também, filha de Pai

Adão - sabedores de rituais e conhecedores das histórias estão vivos para contá-las. Foi do Terreiro de Pai Adão que saiu rumo ao Mar, no início da década de 1930, a primeira panela em homenagem a Yemanjá, incentivando outros terreiros a fazerem esse tipo de oferenda aos Orixás. Só após o toque para Yemanjá no Terreiro Yemanjá Ogunté, é que os outros terreiros reverenciam a Senhora do Mar.

Já o terreiro Nosso Senhor do Bomfim (Oxalá) está localizado no bairro de Águas Compridas em Olinda-PE. É considerado um dos marcos de resistência na religiosidade do Candomblé, com sua líder religiosa, fundadora, Mãe Lídia que foi torturada na década de 1930 por ser praticante da religião afro-Brasileira.

O terreiro é o local de reuniões, um dos elos necessários ao culto dos orixás, onde a memória afro-brasileira é aquecida por meio dos rituais que podem ser diários ou cíclicos (DIAS, 2005). Nesses espaços, mantêm-se as

tradições ao exaltarem a originalidade dos cultos, as vestimentas, os rituais, no sentido de preservarem e perpetuarem, através da tradição oral, passada de gerações mais velhas às mais novas, os ensinamentos trazidos para o Brasil pelos seus ancestrais africanos (CAMPOS, 2013, p. 15).

Os terreiros constituem espaços do sagrado, responsáveis por “direcionar um conjunto de costumes, que foi reprimido e discriminado através dos tempos pela ação do colonizador e pela ideologia do pensamento eurocêntrico” (OLIVEIRA, 2012, p. 12).

Nesse sentido, entendemos o “[...] candomblé como um mecanismo de resistência ao histórico processo de diferenciação que subalterniza saberes, povos e culturas, legitimando a diferença e instituindo estruturas de poder” (NUNES, 2018, p. 59). De maneira dual, e necessária, a identidade que se constitui nesses espaços de resistência é, também, uma comunidade em que se partilha “a emoção com que nós nos reconhecemos” (MOTTA, 1998, p. 179). Assim, são nesses espaços duais “que institui a identidade da nação e que se dá em diferentes campos, no discursivo, político e educacional” (NUNES, 2018, p. 59).

Para este texto, interessa-nos, particularmente, o campo educacional e político, por considerarmos os terreiros como espaços que expressam a riqueza da dimensão educativa das religiões afro-brasileiras e que constituem a cosmovisão experienciada cotidianamente. Essas compreensões devem ser entendidas, também, enquanto espaços de luta frente a uma construção identitária historicamente negada na sociedade e a uma instrumentalização das relações humanas na natureza, espaço do sagrado.

Assim, este estudo teve como objetivo central analisar as compreensões e usos que adeptos do Candomblé constroem a partir de suas práticas na natureza, nos terreiros de Candomblé Obá Ogunté na cidade de Recife e no terreiro Nosso Senhor do Bonfim em Olinda/PE.

## **Delineamento metodológico**

A pesquisa é de natureza qualitativa e adotou-se a abordagem da Etnometodologia, atentando-se aos processos que constituem o homem em sociedade que, para Macedo (2012, p. 33), “busca entender o trabalho dos atores sociais como subsídios primeiros em nível das ações, para compreensão de como as ordens sociais se realizam”. Dessa maneira, o etnopesquisador, enquanto crítico interessado no campo dos significados, busca compreender a dinâmica dessa produção social de dentro das múltiplas referências e relações políticas-culturais instituídas na sociedade (MACEDO, 2012).

Para construção dos dados, utilizou-se a observação participante, considerando as experiências do contato, da observação e das próprias interações que a constitui, em que o observador não é apenas um espectador do fato, mas, como afirma Angrossino (2009), a observação se dá a partir da permissão concedida pelos membros que compõem o fenômeno a ser observado no qual a presença do pesquisador entra como um vizinho e um amigo que também é, casualmente, um pesquisado.

A pesquisa buscou estudar os sentidos que alguns integrantes dos terreiros de Candomblé de Recife e Olinda atribuíram a práticas que envolvem elementos culturais e ambientais presentes no cotidiano dessas comunidades.

Para tanto, investigou-se as concepções sobre a compreensão de natureza a partir de desenhos realizados em duas oficinas pedagógicas com crianças na faixa etária entre oito a treze anos de idade, sendo onze crianças no Terreiro Obá Ogunté (Recife) e onze no Terreiro Nosso Senhor do Bonfim (Olinda). Os desenhos construídos foram analisados a partir dos elementos presentes nas representações de natureza. Analisou-se, também, algumas iniciativas relacionadas às práticas nos cultos aos Orixás e etnoconservação presentes nesses terreiros.

## Compreensões de natureza das crianças que frequentam os Terreiros de Candomblé de Recife e Olinda

A estreita relação que os adeptos das religiões afro-brasileiras possuem com a Natureza constituiu para alguns o caráter ecológico dessas religiões nas quais “[...] mais do que presente na natureza, os orixás no panteão africano seriam transfigurações dos elementos naturais” (SILVA, 2009, 181). Assim, considerando que tais elementos estão vinculados à cosmovisão presente na educação construída nos terreiros de Candomblé, buscamos compreender a influência cotidiana dos elementos religiosos na visão de natureza de crianças de dois terreiros.

Para o desenvolvimento dessa atividade, convidamos cada criança para desenhar e produzir textos que representassem a sua compreensão de natureza, dos quais destacaremos alguns desenhos e excertos de seus textos.

No Terreiro Obá Ogunté, Recife-PE, ao analisarmos os desenhos das vinte e duas crianças que representaram a Natureza, percebeu-se que quatro destes (40%) apresentou a imagem dos moluscos enquanto parte do ambiente, principalmente o Cauri (*Cypraea* spp.) e o caracol gigante africano - Ibi-Africano (*Achatina fulica* Bowdich, 1822). Tais representações podem estar associadas à presença e utilização desses moluscos no cotidiano dessas crianças no terreiro. De maneira que “o Cauri é o molusco mais sagrado nos terreiros de candomblé, representando força, poder e sabedoria”, podendo ser utilizado para “Ifá oráculo”, “palavra de Oxalá” ou todo “tipo de iniciação (Oborí) até a finalização (Axêxê)” (SILVA, 2006, p. 52-53). Ifá é tanto uma forma de comunicação com as divindades quanto um meio de predizer o futuro no qual os Orixás se manifestam, os quais podem ser representados tanto por “nozes de dendê” ou por búzios (PRANDI, 2001, p. 443).

Em relação à presença do caracol *Achatina*, esta provavelmente se deve ao fato de que esse molusco se encontra muito bem estabelecido nos ecossistemas terrestres, chegando a ser considerado uma espécie com um número significativo no território brasileiro. Alguns desses elementos podem ser observados nos desenhos produzidos pelas crianças, na Figura 1.

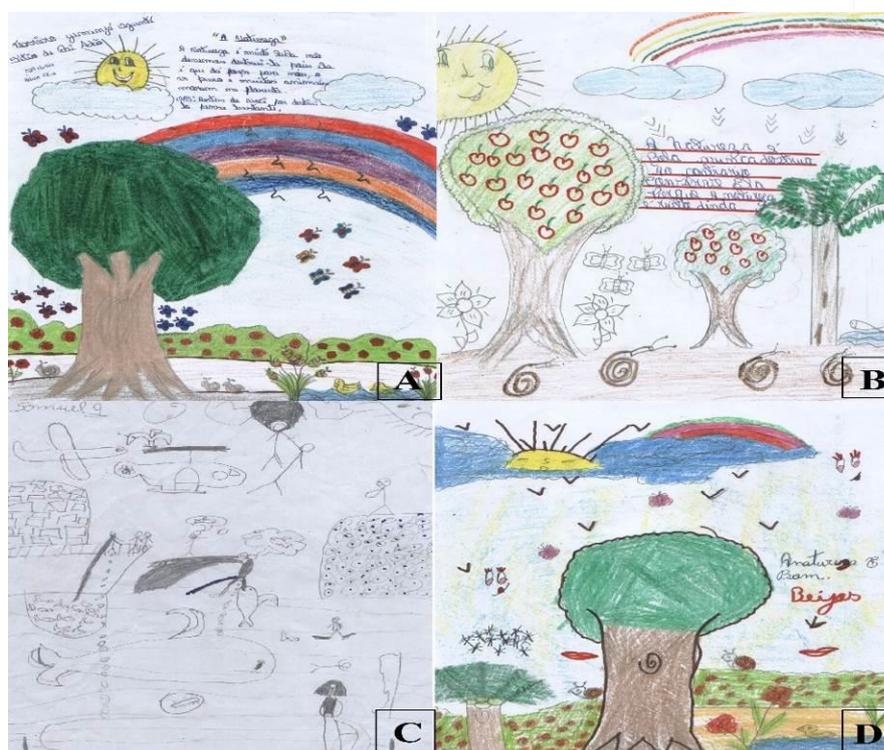
Nos desenhos referentes à Figura 1, é possível observar que ainda que haja antropomorfização do sol, há uma preocupação em manter o meio ambiente intocável e

harmonizado, como pode ser identificado, também, em trechos presentes no desenho construído por uma das crianças,

a natureza é muito bela não devemos destruí-la pois ela é que dá força para nós, o ar puro e muitos animais moram na floresta. OBS: antes de você for destruí-la pense bastante (Texto presente na Figura 1).

A natureza é bela, nunca destrua, ao contrário conserve ela, porque a natureza é muito linda (Texto presente na Figura 1).

Outro aspecto da visão de natureza refere-se à exploração ambiental, como apresentado na Figura 1.C, em que a natureza é caracterizada pela exploração do ambiente marinho a partir da pesca predatória por grandes embarcações, bem como a representação de áreas litorâneas na cidade de Recife, conhecidas pela incidência de ataques de tubarões, onde o terreiro está localizado.



**Figura 1** – Representações de natureza das crianças do terreiro de Candomblé Nossa Senhora da Conceição.

**Fonte:** dados da pesquisa (2006).

A natureza, nos desenhos da Figura 1, também está caracterizada, principalmente, pela presença de árvores, sejam elas frutíferas ou não, como a palmeira que sugeri a

importância da vegetação associada ao culto aos orixás, que segundo Fernandes, Mota e Nascimento (2007, p. 4, grifo do autor)

Nada se faz no culto aos orixás sem a *Natureza*, sem as folhas, que, amparadas por Ossain, deus da vegetação, das folhas e de seus preparados, tem finalidade mágica e medicinal. Ossain está tão ligado às folhas, que é como se o vocábulo “folhas”, fosse-lhe um sinônimo, sua metonímia, seu símbolo.

Além dessa possível relação, essas representações podem estar associadas ao ambiente em que essa criança está e compreende enquanto natureza. Nesse sentido, “a importância de tratar o Candomblé como fonte formativa para a criança é por entendermos que nessa dimensão religiosa a criança é um membro ativo da comunidade e com atribuições existenciais como em qualquer outra faixa etária (IYAGUNÃ; DANTAS, 2019, p. 43).

No Terreiro Nosso Senhor do Bonfim, as crianças participantes da pesquisa estavam em fase de alfabetização e se expressaram, principalmente, por meio de desenhos. Ao analisar essas representações, percebeu-se que seis (60%) dos desenhos apresentam uma Natureza caracterizada pelos elementos naturais como árvores, flores, frutos etc., sem a presença humana ou indícios de suas atividades.

Destacamos, também, os elementos da natureza associados aos Orixás, como as figuras de Yemanjá, presentes na Figura 2; Oxum e Exu, que apresentam as manifestações das divindades do Candomblé na natureza e que podem ser associadas à influência da dinâmica do terreiro, assim como a fatos pontuais, como as festividades de Oxum que ocorreram no dia da realização desta atividade.



**Figura 2**– Representações de natureza das crianças do terreiro de Candomblé Terreiro Nosso Senhor do Bonfim.

**Fonte:** dados da pesquisa (2006).

A presença de Yemanjá é marcada nos desenhos pelo elemento água, e a representação feminina materializada em uma mulher que caminha sobre as águas ou em forma de sereia. Essa é um Orixá feminino que está presente em muitos mitos que relatam a criação do mundo como “[...] a senhora das grandes águas, mãe dos deuses, dos homens e dos peixes, aquela que rege o equilíbrio emocional e a loucura, e talvez o orixá mais conhecido no Brasil” (PRANDI, 2001, p. 22), e que é representada na natureza através das “[...] águas que refrescam, dão e transportam a vida na Terra, ajudando no desenvolvimento dos ecossistemas como um todo” (MARTINS, 2015, p. 77).

As representações de natureza produzidas pelas crianças dos terreiros caracterizam a materialização do sagrado na natureza, seja a partir da presença do caracol, da vegetação ou de Yemanjá identificados nos desenhos. Assim, consideramos que as representações de natureza dessas crianças estão associadas ao processo educativo presente nos terreiros e experienciados por cada indivíduo cotidianamente.

Contudo, destacamos que apesar da presença de todos esses elementos do sagrado, o humano não é representado enquanto parte dessa natureza, mas um explorador dela. Essas representações podem estar associadas à compreensão e idealização do sagrado e do belo na ausência humana na natureza, o que pode ser decorrente de uma visão de objetificação das relações humanas na natureza, construída e reafirmada na perspectiva de cultura dominante ocidental.

Tal perspectiva fomenta, cada vez mais, relações de exploração da e na natureza que se constituem como formas de desigualdade socioambiental e que implicam situações de injustiça ambiental. Nessas situações “se destina a maior carga dos danos ambientais a grupos sociais de trabalhadores ou grupos étnicos discriminados, entre outros segmentos em estado de maior vulnerabilidade social e econômica” (LOUREIRO; LAYRARGUES, 2013, p.63). Essas formas de desigualdade não operam de maneira isolada, mas estão relacionadas a mecanismos econômicos e políticos na sociedade que conduzem ações antrópicas na natureza.

No sentido de possíveis enfrentamentos a tais relações, os terreiros representam espaços que produzem sentidos de valorização da identidade e representatividade na construção do ser no mundo e de sua relação na natureza. Não defendemos aqui um retorno a uma suposta “natureza perdida”, mas cosmovisões que caracterizem formas de resistência a uma visão de instrumentalização de natureza, e de humano. Assim, práticas

educativas desenvolvidas nesses espaços contribuem para a valorização identitária e de resistência.

Em seguida, apresentamos algumas iniciativas relacionadas às práticas nos cultos aos Orixás e conservação ambiental, que possibilitam nos aproximar da valorização dos saberes culturais e sua relação com/na natureza nos terreiros de Candomblé.

## Etnoconservação da biodiversidade nos Terreiros de Candomblé

Frente aos desafios da conservação do meio ambiente, bem como da super-exploração dos bens naturais, a etnoconservação constitui-se como uma possível resposta adaptativa das populações locais, para neutralizar perdas naturais e econômicas no ambiente (DIEGUES, 2000), uma vez que em algumas comunidades tradicionais, como nos povos de religião afro-brasileiras, há uma série de conflitos envolvendo o uso do espaço público relacionados a algumas práticas durante os cultos, como a oferenda.

Tais questões são discutidas em algumas pesquisas brasileiras, por exemplo: *Oferenda e Lixo Religioso: como um grupo de sacerdotes do candomblé angola de Nova Iguaçu “faz o social”*, de Renou (2011); *“Sobre (N)atureza(s) e cosmologias em disputa: controvérsias em torno das práticas rituais de religiões de matriz afro-brasileira no espaço público em Cachoeiras de Macacu*, de Copelotti (2016); *“Orixás, guardiões da ecologia”*: um estudo sobre conflito e legitimação das práticas religiosas afro-brasileiras em Porto Alegre, de Silva (2012); *A Floresta Sagrada da Tijuca: estudo de caso de conflito envolvendo uso público religioso de Parque Nacional*, de Moutinho-da-Costa (2008); *Oferendas Afro-Religiosas e Educação Ambiental na Amazônia*, de Nascimento (2009), entre outros.

Segundo Corrêa, Moutinho-da-Costa e Loureiro (2014, p. 12) “para o pensamento preservacionista brasileiro, o uso religioso da natureza não é um dos objetivos da conservação”, e a realização de cultos e oferendas nesses espaços geram conflitos com os setores responsáveis. Tais conflitos estão associados à produção de resíduos pelas oferendas religiosas que ficam na natureza, bem como no uso de matérias não biodegradáveis.

Se por um lado pode haver uma certa resistência de alguns terreiros para avaliação e adaptação em relação às atividades dos cultos, por outro é necessário reconhecer uma possível “desigualdade no uso dos espaços públicos” por uma série de fatores que exigem um diálogo entre as instâncias do poder público com os terreiros de Candomblé (MOUTINHO-DA-COSTA, 2013, p. 87). Na busca de alternativas que possam contribuir com a conservação dos espaços sagrados, alguns terreiros têm procurado parcerias e o desenvolvimento de ações nesse sentido.

Durante o desenvolvimento deste estudo, foram desenvolvidas algumas iniciativas pela Abicabepe (Associação dos Babalorixás e Yalorixás dos Cultos Afros do estado de Pernambuco), sendo envolvidos diretamente 10 terreiros nos municípios de Olinda e Recife, com os quais foram desenvolvidos algumas atividades, como: o Projeto Iroco, com palestras sobre as plantas sagradas e sua importância no Candomblé; dinâmicas de sensibilização ambiental com uma bióloga da Secretaria do Planejamento e Meio Ambiente de Olinda (SEPLAMA), que envolveu os babalorixás, as yalorixás e frequentadores dos terreiros, bem como a realização de uma excursão didática à última reserva de mata Atlântica da cidade de Olinda, a Mata do Passarinho.

Ações educativas como essas que possibilitam parcerias entre comunidades tradicionais e outras esferas da sociedade podem ser observadas em outros contextos, como as ações do Conselho Superior da Umbanda e dos Cultos Afro-brasileiros com o poder público desenvolvidos no Brasil, por exemplo, no estado do Rio Grande do Sul. Segundo Oro (2002), a Afrobras e Aliança Umbandista e Africanista e as Secretarias Estadual e Municipal do Meio Ambiente daquele estado, editaram um caderno de orientação intitulado “A Educação Ambiental e as Práticas das Religiões Afro-Umbandistas”. Esse caderno objetivou orientar as Casas de Religião e funcionários do poder público municipal e estadual sobre procedimentos em relação a cultos e colocação de trabalhos religiosos no meio ambiente, referindo-se a um manual de aconselhamentos em relação às oferendas e conservação da natureza.

Também foi elaborada a cartilha “OKU-ABO espaço sagrado: Educação Ambiental para religiões afro-brasileiras”, publicada e distribuídas para algumas comunidades do Candomblé e Umbanda em 2004. Nesse material, objetivou-se a revalorização dos saberes tradicionais e sua relação com a natureza, contribuindo para uma sensibilização crítica-reflexiva da realidade que o sujeito se encontra inserido e, conseqüentemente, valorizando a cultura afro-brasileira a partir de uma “educação emancipatória” (COSTA, 2013).

Além dessas ações que envolvem parcerias governamentais, muitos dos seguidores da religião dos Orixás interessados em recuperar a relação Orixá-Natureza, realizam o culto de Onilé (terra), representando a preocupação com a preservação da própria humanidade e de tudo o que há nesse mundo. De maneira que o culto aos orixás está muito mais apto a responder às necessidades de proteção ambiental, do que a lógica capitalista ocidental, pois “[...] na mesma medida em que os Orixás são a Natureza, sendo dela elementos, tornam-se seu protetor, guardiões, fiscais” (FERNANDES; MOTA; NASCIMENTO, 2007, p. 5).

O uso de algumas espécies de animais nos cultos aos Orixás também se constitui enquanto um desafio para a etnoconservação nesses espaços, entre eles o uso de algumas espécies de moluscos marinhos, gastrópodes, principalmente, que são comercialmente superexplorados. Tal fato se deve a sua utilização na alimentação ou na fabricação de objetos de adornos em artesanatos pela população brasileira, os quais fazem parte do simbolismo durante as atividades religiosas desenvolvidas nos terreiros. Cabe destacar que os terreiros de Candomblé não são responsáveis pelo estado de extinção dessas espécies de moluscos, mas que a caça predatória para fins diversos e os impactos ambientais sobre os ecossistemas onde estes moluscos ocorrem são os principais responsáveis por isso.

Nesse cenário, buscamos identificar os espécimes de moluscos gastrópodes e sua finalidade nos cultos aos Orixás ou na ornamentação dos altares a partir de relatos, pesquisa bibliográfica, fotografias e doação pelos Yaloixás e Babalorixás dos terreiros de Candomblé de Recife e Olinda. Eles estão apresentados no Quadro 01.

<b>Espécies de búzios ou caracóis e o uso/importância dos búzios segundo os Yaloixás e Babalorixás</b>	
<p style="text-align: center;"><i>Megalobulimus terrestris</i> (Spix, 1827)</p>  <p>Conhecido como Igbín, Ibi, Aruá-do-mato simboliza a fecundidade, principalmente nas oferendas para Oxalá, mas pode também ser usado para Yemanjá; também chamado de “Boi de Oxalá”, “Boi Manso de Sangue Branco” nas oferendas do Fanti-Ashanti, nação de Candomblé praticado no Maranhão; é utilizado para tirar a fúria de Exu, no sacrifício de Nanã e no assentamento e no tratamento de problemas de loucura e de doenças graves.</p>	<p style="text-align: center;"><i>Strombus gallus</i> (Linnaeus, 1758)</p>  <p>Usado nos altares de Yemanjá e Oxum; é utilizado em todo o Brasil na alimentação humana e na Ornamentação em geral.</p>
<p style="text-align: center;"><i>Strombus goliath</i> (Schröeter, 1805)</p>  <p>Usado nos altares de Yemanjá e Oxum; é utilizado em todo o Brasil na alimentação humana e Ornamentação (abajures entre outras).</p>	<p style="text-align: center;"><i>Cassis tuberosa</i> (Linnaeus, 1758)</p>  <p>Usado nos altares de Yemanjá e Oxum; é utilizado em todo o Brasil na alimentação humana e Ornamentação (abajures entre outras).</p>
<p style="text-align: center;"><i>Charonia variegata</i> (Lamarck, 1816)</p>  <p>Alimentação humana; Ornamentação em geral; usado nos altares de Yemanjá e Oxum.</p>	<p style="text-align: center;"><i>Chicoreus spectrum</i> (Reeve, 1846)</p>  <p>Ornamentação; usado nos altares de Yemanjá e Oxum.</p>

**Quadro 01** – Moluscos Gastrópodes (búzios) marinhos e sua importância nos rituais do Candomblé de Recife e Olinda – PE a partir de conversas informais com os Yaloixás e Babalorixás.

**Fonte:** dados da pesquisa (2006).

Tendo em vista a importância de espécies de moluscos para os cultos nos terreiros de Candomblé e a relação direta das divindades com os elementos da natureza, considera-se importante a conservação das referidas espécies. Reconhecendo essa importância, Martins (2015, p. 93) afirma que “[...] cresce a ideia de que o meio natural com todos os seus recursos são fonte pura de axé, que segundo os ensinamentos da religião, é a força vital sem a qual não existe vida ou movimento e sem a qual o culto não pode ser realizado”.

Além disso, tal perspectiva possui uma função emancipatória pontuada por Moutinho-da-Costa (2013, p. 95), buscando-se enfatizar o potencial político que as religiões afro-brasileiras possuem ao firmar seu comprometimento com “[...] a renovação cultural, política e ética da comunidade, trabalhando temas como racismo e justiça ambiental, políticas afirmativas, legalização dos terreiros, entre outros”.

## Considerações Finais

As relações estabelecidas entre os saberes tradicionais das comunidades nos terreiros de Candomblé e a natureza ressaltam a centralidade desta na compreensão de mundo nesses espaços, tendo em vista a importância que os elementos naturais possuem nos rituais e cultos aos Orixás.

Nesse sentido, buscamos estudar as compreensões e usos que adeptos do Candomblé constroem a partir de suas práticas e a natureza, nos terreiros de Candomblé Obá Ogunté na cidade de Recife e o terreiro Nosso Senhor do Bonfim em Olinda/PE.

Ao analisar as compreensão de natureza de crianças nesses terreiros, observou-se que, nas representações a partir de desenhos construídos pelas crianças, alguns elementos que estavam presentes nesse material estão associados às práticas religiosas do Candomblé, como a representação de caracóis, um animal frequentemente utilizado nos mais diversos rituais aos Orixás, bem como a presença de uma figura feminina que representa Yemanjá.

As diferentes ações educativas de etnoconservação que possuem como foco a relação entre a conservação ambiental e as práticas de culto aos Orixás são importantes formas de evidenciar a influência de determinados saberes tradicionais na construção das cosmovisões, bem como a centralidade dessas compreensões para propostas educativas

que atuem como formas de resistência para a superação das relações de mercantilização/dominação que são estabelecidas entre sociedade e natureza. Dessa maneira, uma cosmovisão baseada no reconhecimento da interdependência com e na natureza como materialização do sagrado pode contribuir para a construção de outras formas de relação de ser e estar no mundo.

## Referências

AMARAL, Renata. **Sítio de Pai Adão**: ritos africanos no Xangô do Recife. Governo do Estado de Pernambuco, Secretaria de Cultura, Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco: CD, 2005.

BORNHEIM, Gerd Alberto. Filosofia e Política Ecológica. **Revista Filosófica Brasileira**, Rio de Janeiro, v. 1, n.2, p. 17-24, jun.1985.

BOTELHO, Pedro Freire. Ewé Awo: O Segredo das Folhas no Candomblé da Bahia. **Educação, Gestão e Sociedade: revista da Faculdade Eça de Queiros**, Jandira, ano 1, n. 4, p. 1-13, dez/2011.

CAMPOS, Zuleica Dantas Pereira. Do Xangô a Candomblé: transformações no mundo afro-pernambucano. **Horizontes**, Belo Horizonte, v.11, n. 29, p.13-28, jan/mar, 2013.

CORRÊA, Aureanice de Mello; MOUTINHO-DA-COSTA, Lara; LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. O Processo de Implantação do Espaço Sagrado em Unidade de Conservação: o Caso da Curva do S no Parque Nacional da Tijuca na Cidade do Rio de Janeiro. In: XIV ENCUESTRO DE GEOGRÁFOS DA AMÉRICA LATINA: REENCUESTRO DE SABERES TERRITORIALES LATINOAMERICANOS, 2014, Lima. **Reencuentro de Saberes Territoriales Latinoamericanos**. Lima: UGI, 2014. p.1-20.

COSTA, Aderbal Moreira. Cartilha OKU ABO - **Educação ambiental para Religiões Afro-brasileiras**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 20p., 2013. Disponível em: <<http://ambiente.educacao.ba.gov.br/conteudos/download/173.pdf>>. Acesso em: 26 mar 2018.

DIEGUES, A. C. A etnoconservação da natureza. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Etnoconservação**: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. 2. ed. São Paulo: Hucitec e NUPAUB, p. 1-46, 2000.

FERNANDES, Alexandre de Oliveira; MOTA, Manoel dos Santos; NASCIMENTO, Rosângela Fonseca do. A Ritualística do Culto aos Orixás: caminhos para uma outra Consciência Ambiental. **Ciranda Internacional de Informação Independente**, Recife, jul.2007 p.1-7. Disponível em: <<http://www.ciranda.net/spip/article1443.html>>. Acesso em: 25 jul 2018.

FUNDARPE. **Manual do Patrimônio Cultural de Pernambuco**, Recife: 1994.

IYAGUNÃ, Dalzira Maria Aparecida; DANTAS, Luis Thiago Freire. A criança e o Candomblé: considerações acerca de uma educação decolonial. **Momento: diálogos em educação**, Rio Grande, v. 28, n. 1, p. 42-56, jan/abr, 2019.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; LAYRARGUES, Philippe Pomier. Ecologia política, justiça ambiental e educação ambiental crítica: perspectiva de aliança contra-hegemônica. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v.11, n.1, p.53-71, jan/abr, 2013.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A Etnopesquisa implicada**: pertencimento, criação de saberes e afirmação. Brasília, DF: Liber Livros, 2012.

MARTINS, Felipe Rodrigues. Educação Ambiental e Candomblé: afro-religiosidade como consciência ambiental. **Paralellus**, Recife, v. 6, n. 12, p. 265-278, jan/jun, 2015.

MOTTA, Roberto. O útil, o sagrado e o mais-que-sagrado no Xangô de Pernambuco. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v.4, n.8, p.168-181, jun/1998.

MOUTINHO-DA-COSTA, Lara. **A Floresta Sagrada da Tijuca**: estudo de caso de conflito envolvendo uso público religioso de Parque Nacional. Orientador: Carlos Frederico Bernardo Loureiro. 398f. Dissertação, Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

\_\_\_\_\_. Educação ambiental e religiões afro-brasileiras num contexto de conflito envolvendo oferendas religiosas no Parque Nacional da Tijuca: desafios e perspectivas. In: CORRÊA, Aureanice de Mello; MOUTINHO-DA-COSTA, Lara; BARROS, José Flávio Pessoa de. **A floresta, educação, cultura e justiça ambiental**. Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2013.

NASCIMENTO, Devison Amorim do. Oferendas Afro-Religiosas e Educação Ambiental na Amazônia. **Educação Ambiental em Ação**. São Paulo, v. VII, n. 27, p.1-4, mar/mai, 2009.

NUNES, Victor Hugo Basílio. **Ilê Oju Odé: Políticas de Resistência e Territorialidades no Candomblé de Goiás**. Orientador: Elias Nazareno. 177f. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás, 2018.

OLIVEIRA, Ariene Gomes. A Educação Escolar e a (in)tolerância às religiosidades de Matriz Africana e aos saberes dos terreiros. In: IV EPEPE – ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL EM PERNAMBUCO – PESQUISA E EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE: perspectivas teórico-metodológicas. 2012. Caruaru - PE, **Pesquisa e educação na contemporaneidade**. Caruaru: editora da UFPE, 2012, p.1-15. Disponível em: <[http://www.fundaj.gov.br/images/stories/epepe/IV\\_EPEPE/t1/C1-08.pdf](http://www.fundaj.gov.br/images/stories/epepe/IV_EPEPE/t1/C1-08.pdf)>. Acesso em: 26 set 2018.

ORO, Ari. Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul: Passado e Presente. **Revista de Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, v.2, n. 24, p. 345-384, out.2002.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia da Letras, 2001.

RENOU, Mariana Vitor. **Oferenda e Lixo Religioso**: como um grupo de sacerdotes do candomblé angola de Nova Iguaçu ‘faz o social’. Orientadora: Olívia Maria Gomes da Cunha. 192f. Dissertação, Mestrado em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SILVA, Maria Conceição da. **Conhecimento Científico e o Saber Popular sobre os Moluscos nos Terreiros de Candomblé de Recife e Olinda, Estado de Pernambuco**. Orientador: Francisco José Pegado Abílio. 130 f. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação da Universidade Federal Paraíba, João Pessoa/PB, 2006.

SILVA, Mariana. 2012. **“Orixás, guardiões da ecologia”**: um estudo sobre conflito e legitimação das práticas religiosas afro-brasileiras em Porto Alegre. Orientador: Vagner Gonçalves da Silva. 140f. Dissertação, Mestrado em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, 2012.

**Submetido em 28/09/2019**

**Aprovado em 20/03/2020**

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)